

## EDITORIAL

---

Miqueli Michetti\*

Maurício Rombaldi\*

A edição 57 da Revista Política & Trabalho apresenta o dossiê *Os desenhos das crianças nos estudos da infância*, organizado por Emilene Leite de Sousa (UFMA), Flávia Ferreira Pires (UFPB), Fernanda Müller (Unirio) e Maria do Socorro Amoras (UFPA). A partir de uma proposta que reflete sobre os desenhos tanto como técnica de pesquisa quanto como um elemento central para a análise etnográfica, o dossiê é constituído por sete artigos inéditos, mais uma apresentação redigida pelas organizadoras. As pesquisas que fundamentam os trabalhos apresentados analisam antropologicamente diferentes objetos e são realizadas em uma gama diversa de situações, incluindo desenhos de crianças indígenas, moçambicanas, ciganas e cidadinas, no Brasil e em Portugal. Ao se debruçar sobre universos como aldeias, comunidades tradicionais, ruas e escolas, os trabalhos sustentam a relevância e a adaptabilidade analítico-metodológicas do uso de desenhos feitos por crianças em distintos contextos. Ao refletir sobre a produção dos dados por esse meio e demonstrar seus múltiplos usos, assim como suas limitações, o dossiê se apresenta como uma contribuição importante à metodologia de pesquisa com e sobre crianças.

Esta edição também é composta por mais seis artigos recebidos em fluxo contínuo e duas resenhas. Segue-se ao dossiê uma série de trabalhos sobre precarização das condições de trabalho em vários setores, que, com diferentes metodologias e enquadramentos teóricos, traçam um abrangente panorama sobre essa problemática no Brasil contemporâneo. O primeiro trabalho, de escopo mais geral, tem por título *Uberização do trabalho e precarização da vida*. Nele, Marina Batista Chaves Azevedo de Souza e Isabela Aparecida de Oliveira Lussi analisam as condições de trabalho experimentadas por entregadores por aplicativo do Nordeste brasileiro. Por meio de etnografia urbana que toma por base a observação participante realizada em João Pessoa (PB), as autoras apontam condições de vida precoces, precárias e desestruturantes como determinantes da inserção e permanência na chamada uberização, o que traz impactos negativos em dimensões como saúde, educação e relações sociais.

Na sequência, o artigo *Violência urbana e vulnerabilidade social como parte do trabalho de entregadores por aplicativos*, de autoria de Ana Patricia Sales, Francisco Sales, Elaine Albino da Silva e Luisa Donati, apresenta pesquisa com trabalhadores que prestam serviços de entrega de comida para o que chamam de “empresas-plataforma” e retrata as situações de risco e violência

---

\* Editores da Revista Política e Trabalho e professores da Universidade Federal da Paraíba.

existentes no cotidiano do trabalho dos “entregadores”, em especial acidentes de trânsito e assaltos. A pesquisa, realizada em 2021 na cidade de Natal (RN), demonstra como a “violência urbana” é vivida por tais trabalhadores em situações de vulnerabilidade social, distanciamento do trabalho, tensão e ansiedade.

Aos dois estudos sobre entregadores seguem-se outros dois sobre o trabalho docente. O artigo de Kelen Bernardo e Maria Aparecida Bridi, *Professores universitários temporários no setor público e a tendência de “desestabilização dos estáveis”*, analisa as condições de trabalho de professores universitários contratados na modalidade de “temporários” em sete universidades estaduais do Paraná, de 2002 a 2017. A partir de entrevistas com representantes sindicais das instituições concernidas, evidencia-se o aumento dessa forma precária de vínculo trabalhista, que implica instabilidade contratual e o não acesso a direitos historicamente característicos da categoria.

Fundamentando-se em outro *corpus* analítico e procedimento metodológico, *As políticas educacionais na docência: uma revisão das publicações do Endipe entre 2010-2020* traz questões convergentes ao questionar as implicações que as políticas educacionais denominadas neoliberais trouxeram para o trabalho e a formação de professores. Valdirene Hessler Bredow e Maristani Polidori Zamperetti revisam as publicações dos Anais do Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino (Endipe) e concluem que os programas, reformas e planos de trabalho implementados de acordo com tais políticas precarizam e intensificam o trabalho docente, trazendo consequências até mesmo para a identidade e a subjetivação dos docentes.

Ainda sobre os temas do trabalho e do emprego, o artigo seguinte, de Sandro Ruduit Garcia, nos convida a refletir sobre os impactos da crise econômica sobre os empregos em setores ligados à chamada “economia criativa” no Brasil. *Desigualdades do emprego num tempo de crise: Setores da economia criativa no Brasil, nos anos 2010* mostra que, enquanto empresas e empregos desses setores cresceram na primeira metade dos anos 2010, eles se retraíram e estagnaram depois disso, com prejuízos também para a qualidade do emprego. Por meio de análise documental de políticas industriais e bases oficiais de dados estatísticos, o autor indica que a crise mais geral da economia brasileira se combinou com uma inflexão na política setorial, afetando desigualmente certos estratos do emprego em economia criativa, em especial nas regiões Norte e Nordeste, nas grandes empresas, nos vínculos de ensino fundamental e médio, nos jovens e no sexo feminino.

No artigo que encerra a sessão de fluxo contínuo, Lucas Trindade da Silva instiga-nos a olhar para Max Weber a partir da “crítica anticolonial”. Baseado em pesquisa teórica que une inquirimento externo e abordagem imanente, *Weber pelo crivo da crítica anticolonial* destaca limitações fundamentais da obra do autor alemão, nomeadamente no que diz respeito ao caráter da modernidade, ao purismo da abordagem tipológica de fenômenos socio-históricos e, ainda, ao eurocentrismo que marca a apreciação do Outro sociocultural em Weber.

Fechamos essa edição com duas resenhas. Em umas delas, Patrícia Vieira Trópia avalia o livro *Mass strikes and social movements in Brazil and India: popular mobilization in the Long Depression*, lançado em 2019 por Jörg Nowak. *Greves de massa no sul global e renovação teórica nos estudos do trabalho* expõe as contribuições da obra, ainda sem tradução no Brasil, sobre “ações de rebeldia” de trabalhadores metalúrgicos na Índia e operários da construção civil no Brasil no “contexto recessivo pós-crise de 2008” e argumenta pela contribuição mais ampla que o livro de Nowak representa a uma “nova teoria das greves”.

A resenha feita por Márcio Moneta do livro de Kathleen M. Millar, lançado pela Duke University Press em 2018, é o arremate dessa última edição de 2022. *A reivindicação do que não pode ser descartado* perpassa premissas teóricas, conceitos centrais, metodologia acurada e sagacidade analítica da antropóloga norte-americana, sem negligenciar alguns aspectos problemáticos de sua perspectiva, que não incorporaria o acúmulo de interpretações sociológicas sobre a sociedade brasileira. O destaque do livro sobre os trabalhadoras(es) coletoras(es) de material reciclável no Aterro Metropolitano de Jardim Gramacho, na cidade de Duque de Caxias (RJ) estaria na habilidade de compreender uma “forma de viver” com valores próprios, que não são abarcados por perspectivas normativas que equacionam dignidade e trabalho estranhado assalariado. Assim, ao mesmo tempo que a obra encontra a tônica do dossiê em termos de inquietação antropológica, ilumina à contraluz a leitura dos artigos sobre precarização do trabalho e vulnerabilidade social.

Boa leitura, e que venha 2023!